



A produção de uma nova cultura a partir da pesquisa e da arte: contribuições do referencial marxiano

The production of a new culture from research and art: the marxian framework contributions

JANE CRUZ PRATES*



*Eu vi. Por onde estive, mesmo entre os espinhos que me quiseram ferir,
achei uma pomba que ia costurando em seu vôo meu coração com outros
corações. Achei em todas as partes pão, vinho, fogo, mãos, ternura.
Dormi sob todas as bandeiras reunidas como sob os ramos de um só
bosque verde, e as estrelas eram minhas estrelas. De minhas encarniçadas
lutas, de minhas dores, não conservo nada que não vos possa servir.
Também, como a terra pertence a todos. Não há uma só gota de ódio no
meu peito. Abertas vão as minhas mãos espalhando as uvas pelo vento.
(NERUDA, O canto repartido, 1964)*

Iniciamos esse pequeno ensaio com o grande Neruda, porque através da socialização de algumas reflexões pretendemos, antes de tudo, partilhar. No segundo semestre de 2014, entre as muitas atividades relevantes que ocorreram na Faculdade de Serviço Social – FSS e no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – PPGSS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, realizamos, em parceria com a Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PcD e PcaH – FADERS,¹ o seminário de pesquisa “A produção de uma nova cultura através da arte e da pesquisa” como parte das comemorações da XX Semana Estadual da Pessoa com Deficiência, cujo tema foi “Atitudes fazem a diferença”. Compondo um dos painéis do evento, nos propuseram o desafio de dar visibilidade ao modo como a arte e a pesquisa fundamentada no referencial marxiano podem contribuir para a ruptura de estereótipos e de preconceito.

Antes de tecer reflexões sobre o método criado e utilizado pelo pensador Alemão, que não se separa da teoria, é preciso destacar que os temas da diversidade e da acessibilidade universal são de suma importância para nós que temos em nossa trajetória profissional acentuado a importância de lutar por direitos para todos. Nesse sentido, é importante destacar que o debate acerca da diversidade aportado por nossos estudos e pesquisas em parceria com o poder executivo estadual, em especial pelo Grupo de Pesquisa em Acessibilidade e Diversidade – GEPAD, vinculado ao PPGSS/PUCRS, coordenado pela Profa. Dra. Idília Fernandes, tem sido fundamental para a ampliação de nossas lutas por processos inclusivos. E aqui não nos referimos a uma inclusão subserviente ao sistema e ao instituído, mas ao respeito ao diferente, a sua efetiva valorização e ao seu reconhecimento como ser integral, o que pressupõe a luta por políticas de acessibilidade universal e a transversalidade desse debate na formação.

* **Jane Cruz Prates** é Bacharel, mestre e doutora em Serviço Social, pesquisadora produtividade do CNPq, coordenadora e professora do PPGSS e da FSS/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre/RS – Brasil.
E-mail: jprates@puccrs.br

Para a Universidade, é fundamental alimentar-se da vida da sociedade e, para as organizações da sociedade, aprofundar o debate teórico-prático que resulta dos estudos daqueles que se dedicam a esta finalidade. Nossas pesquisas integradas têm, sem dúvida, uma riqueza maior, tanto na produção de conhecimentos como na possibilidade de formar a partir desse processo e dessa troca.

Mas, retomando a questão que nos orientava – Como o método e a teoria marxiana podem contribuir para a ruptura com estereótipos e preconceitos contribuindo para a conformação de uma nova cultura? –, podemos afirmar que o método marxiano é o movimento que o autor faz para desocultar uma realidade marcada pelo modo de produção capitalista que, para acumular, precisa explorar e produzir desigualdades, precisa padronizar, negando a diversidade, precisa tornar abstrato, meramente quantitativo, o trabalho qualitativo, ocultando suas particularidades. Podemos afirmar, outrossim, que esse modo de produção se capilariza de forma tão intensa que reduz o conjunto das relações sociais a mera relação entre mercadorias, em que pesem as resistências decorrentes da luta de classes, supervalorizando a aparência e a padronização do estético cuja reprodução compõe uma de suas estratégias. Para desocultar esse processo que se mascara na produção da mercadoria, impactando em todas as relações sociais, Marx deixa claro em suas obras que é preciso considerar dois aspectos – a estrutura e a dinâmica dos fenômenos, ou seja, sua conformação e seu movimento.

Sua obra e o método que a compõe não são estratégias deslocadas de intenções políticas; ao contrário, explicitam sua intenção da busca pela emancipação humana, impossível nesse modo de produção. Almeja uma sociedade onde todos possam desenvolver-se plenamente como seres integrais, onde possamos ser poetas e operários ao mesmo tempo e não seres restritos a uma de nossas manifestações humanas, seja de gênero, de profissão, de ciclo vital, de conformação física ou mental. Um ser humano integral, como unidade dialética, é o conjunto de todas as suas expressões que, instigadas a se desenvolverem numa sociedade que as reconhece e as valoriza, só podem ser potencialidades.

Mas Marx, para desocultar os fetiches da sociedade capitalista, não inventa categorias abstratas; ele as apreende do real, como elementos que o constituem. O real é contraditório, é histórico é multifacético. Logo, volta ao real para explicá-lo, à luz dessas categorias, porque a dialética quer mais do que descrever; quer explicar, desocultar as conexões e as transições da realidade concreta.

A pesquisa é um importante instrumento de intervenção social, não só porque propicia a obtenção de dados sobre a realidade e desoculta relações, contradições, mascaramentos, mas também porque é espaço para o desenvolvimento de processos sociais, pois sujeitos se capacitam, organizam, mobilizam ao longo do processo, se o processo é valorizado enquanto tal (PRATES, 2006). A preocupação com o processo também se evidencia na obra marxiana, na medida em que nas suas investigações Marx, para além dos resultados, preocupava-se com a reflexão que os estudos instigariam na classe operária investigada.

Mas problematizemos um pouco as principais categorias dialéticas constitutivas do método e da realidade, destacando a sua necessária interconexão.

A totalidade, mais do que a reunião de todas as partes, significa um todo articulado, conectado, onde a relação entre as partes altera o sentido de cada parte e do todo. A totalidade concreta não é um todo dado, e sim um movimento de autocriação permanente, o que implica a historicização dos fenômenos que a compõem (PRATES, 2003).

Analisar um fenômeno, uma situação concreta, à luz da totalidade, não significa exaurir todos os fatos, mas problematizá-los de forma inter-relacionada, buscando as determinações que uns têm sobre os outros para melhor interpretar a realidade.

A contradição dialética, mais do que uma relação de exclusão, é uma inclusão plena, concreta dos contrários – uma negação inclusiva. Essa relação se dá na definição de um elemento pelo que ele não é, pois é da determinação e negação do outro que decorre a existência de propriedade de cada fenômeno. Conforme esclarece Cury (1986, p. 30-31):

A tensão entre o já sido e o ainda-não é que possibilita o surgimento e a implantação do novo, pois penetra no processo, do começo ao fim, o desenvolvimento de todas as coisas [...] A contradição [...] ao interpretar o real, capta-o como sendo o resultado de uma inadequação pugnativa entre o que é e o que ainda não é, numa síntese contraditória. Por isso todo o real é um processo que contém, sem encerrar, o possível numa unidade de contrários.

A constatação de contradições no homem e na sociedade faz com que o marxismo rejeite deliberadamente a acabada, imóvel e mútua subordinação dos elementos do homem e da sociedade, como também a hipótese de uma harmonia espontânea Diz Lefebvre (1963, p. 13):

O homem luta contra a natureza [...] precisa vencê-la, dominá-la, através do trabalho, da técnica, do conhecimento científico, pois só assim se realiza como homem [...] Quem diz contradições diz também problemas a solucionar, dificuldades, obstáculos – portanto, luta e ação – mas, outrossim, possibilidades de vitória, de passo à frente, de progresso.

E continua o autor (1963, p. 30) dizendo que não basta explicar as contradições, mas reconhecer que elas possuem um fundamento, um ponto de partida nas próprias coisas; uma base objetiva real; na verdade mostram que a realidade possui não apenas múltiplos aspectos, mas também aspectos cambiantes e antagônicos. O próprio homem só se desenvolve através das contradições. Como diz Lefebvre (1989, p. 43), “o humano só pode se constituir através do inumano, de início a ele misturado para, em seguida, distinguir-se, por meio de um conflito, e dominá-lo pela resolução deste conflito”.

Contudo, a análise dialética deve ultrapassar a reflexão acrítica, buscando estabelecer mediações com a totalidade. A totalidade, segundo Cury (1986, p. 36), “interna os dados empíricos, implica-os e os explica no conjunto das suas mediações e determinações contraditórias”.

A contradição é destruidora, mas também criadora, já que se obriga à superação, pois a contradição é intolerável. Os contrários em luta e movimento buscam a superação da contradição, superando-se a si próprios. Desvendar a contradição é exatamente mostrar os opostos em luta e movimento (PRATES, 2003).

A mediação, por sua vez, diz Cury (1986, p.43), deve ser ao mesmo tempo relativa ao real e ao pensamento; procura apreender o fenômeno na articulação de relações com os demais fenômenos e no conjunto das manifestações daquela realidade da qual ele faz parte, seja como fenômeno essencial ou não. As mediações, abrem espaço para a concretização das teorias, tornando-se guias das ações. “[...] sem as mediações as teorias se tornam vazias e inertes, e, sem as teorias, as mediações se tornam cegas ou caolhas” (CURY, 1986, p. 44).

Conforme Martinelli (1994, p. 136-137), mediações “são categorias instrumentais”, através das quais se operacionaliza a ação profissional. É através das mediações que a ação profissional ganha concretude, diz a autora, pois são instâncias de passagem, vias de penetração no real, expressas através de instrumentos, recursos, técnicas e estratégias. Como formas de objetivar a prática, as mediações objetivam o próprio profissional enquanto ser social.

Como categoria “reflexiva e ontológica”, sua construção (histórica) se consolida com base em operações intelectuais e valorativas, “apoiadas no conhecimento crítico do real, possibilitado fundamentalmente pela intervenção da consciência”. É através das mediações que penetramos nos nexos constitutivos do real desvendando suas contradições.

A historicidade dos fenômenos sociais é, antes de tudo, o reconhecimento de sua processualidade e de sua provisoriade, o movimento e transformação do homem, da realidade e dos fenômenos. Significa que os fenômenos não são estáticos, estão em curso de desenvolvimento e, portanto, só podem ser apreendidos a partir do desvendamento deste movimento, por cortes históricos (PRATES, 2003).

Quando Gramsci define o marxismo como um historicismo absoluto, destaca com isso a importância desta categoria e elemento que compõe o real. Para Marx e marxistas como Lukács (1966), Kosik (1976), Lefebvre (1963), entre outros, somente podemos conhecer um fenômeno, os sujeitos, as instituições, a partir da reconstituição de sua gênese, ou seja, do conhecimento de sua história, do curso de transformações ocorridas na sua constituição. Portanto, mais do que episódios cronológicos se privilegia o conhecimento da história a partir de fatos significativos.

Marx e Engels (1993, p. 62), em sua crítica a Feuerbach, ressaltam a finalidade de transformação da realidade implícita em seu método, esclarecendo que não basta a criação de uma “consciência correta sobre um fato existente”, mas sim “derrocar este existente”. E esta libertação, advertem, será possível quando “milhões de proletários [...] puserem seu ‘ser’ em harmonia com sua essência de uma maneira prática, através de uma revolução” (MARX; ENGELS, 1993, p. 63).

E mais adiante, afirmando a diferença entre a fraseologia e o movimento real, ressaltam que uma libertação efetiva só ocorre em determinadas condições históricas e de desenvolvimento (e com o acirramento de suas contradições indissociáveis). Conforme Marx e Engels (1993, p. 65):

[...] somente é possível efetuar a libertação real no mundo real e através de meios reais [...] não se pode superar a escravidão sem a máquina a vapor [...] nem a servidão sem melhorar a agricultura [...] não é possível libertar os homens enquanto não estiverem em condições de obter alimentação, habitação, vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. A libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento e é efetivada por condições históricas [...] conforme suas diferentes fases de desenvolvimento, o absurdo da substância, do sujeito, da autoconsciência e da crítica pura, [...] são [...] eliminados quando suficientemente desenvolvidos.

A articulação entre razão e sensibilidade também é uma marca da obra marxiana, tanto no modo de exposição do pensador alemão que se vale de trechos de literatura e da mitologia para exemplificar processos de alienação e de inversão de valores articulando-os a dados de realidade, como nas expressões que seguem, utilizadas por Marx na obra *O capital*:

Comparada com a inglesa, é precária a estatística social da Alemanha e dos demais países da Europa Ocidental. Apesar disso chega para descerrar o véu, o suficiente para que se pressinta atrás dele um rosto de Medusa. [...] Perseu tinha um capacete que o tornava invisível, para perseguir os monstros. Nós de nossa parte, nos embuçamos com nosso capuz mágico, tapando nossos olhos e nossos ouvidos, para poder negar as monstruosidades existentes (1989, p. 5-6).

A fabricação de fósforos de atrito data de 1833 [...] A metade dos trabalhadores são meninos com menos de 13 anos... [...] Essa indústria é tão insalubre que somente a parte mais miserável da classe trabalhadora, viúvas famintas, etc. cede-lhe seus filhos [...] O dia de trabalho variava de 12, 14 e 15 horas, com trabalho noturno e refeições irregulares. Dante acharia que foram ultrapassadas nessa indústria suas mais cruéis fantasias infernais. (1989, p. 279).

Mas para além de um modo de exposição estético, que utiliza a arte para acentuar, destacar, Marx enfatiza a necessidade de que, assim como a razão, os sentidos humanos sejam desenvolvidos. Nessa direção a arte é um importante instrumento, porque, para além de nos levar a pensar, mobiliza nossos sentidos, os acentua, nos instiga, nos provoca.

Segundo Hegel, a função da arte consiste em tornar a ideia acessível a nossa contemplação mediante uma forma sensível, representação esta que resulta da correspondência entre a ideia e a forma que se fundem e interpenetram (HEGEL, 1974).

Essas representações refletem valores e concepções que o homem tem sobre o mundo, sobre si próprio, sobre a natureza, expressam seus hábitos, seus costumes; logo, expressam a sua subjetividade,

conformada, de acordo como a concebe Marx (1993), pelo conjunto de suas relações sociais, históricas, processuais.

A arte, portanto, expressa valores e concepções históricas, modos de vida, sentidos e significados atribuídos aos fenômenos pelos sujeitos que os vivenciam e interpretam. Contudo, se expressa objetivações, expressa também processos de alienação que compõem estas subjetividades (PRATES, 2003).

Afinal, o olho que não aprende a ver não enxerga, para o ouvido não musical a mais bela música não tem sentido (MARX, 1993). O homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar, mas também com todos os sentidos; no entanto, o desenvolvimento dos sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias, pois “o sentido que é prisioneiro da grosseira necessidade prática tem apenas um sentido limitado”, diz Marx (1993).

A arte é, portanto, importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos através do traço, da cor, do som, dos gestos, sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos. Materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música nossas objetivações, em parte histórica e socialmente construídas e determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro. Por outro lado, reduzimos também o sentido estético, o gozo humano do belo, do bom, do confortável, quando nossa sensibilidade é alienada, quando, como diz Marx (1993), reduzimos as possibilidades humanas à satisfação de suas necessidades de subsistência (PRATES, 2007).

Por fim, acrescentamos o enfoque misto na pesquisa que une quantidade e qualidade, trabalha com dados quantitativos que dão força ao argumento, que permitem dimensionar recursos, tempos, vagas, mas acresce a estes dados fundamentais o planejamento de políticas, as expressões, necessidades, sugestões, críticas dos sujeitos e grupos, dadas por suas expressões pela via da linguagem oral ou corporal ou pela via de documentos. A técnica principal utilizada nesse processo, que pode se valer de instrumentos diversos, como questionários, entrevistas, vídeos, coletas coletivas, enfim técnicas formais ou alternativas, é a triangulação.

A triangulação, segundo Triviños (1995), articula a voz dos sujeitos, a expressão do contexto via documentos e a análise da conjuntura, contemplando a contextualização estrutural, histórica, política.

É possível ampliar o processo de triangulação: triangulando técnicas: entrevistas, grupos focais análises documentais; triangulando fontes: ouvindo usuários, técnicos e gestores; triangulando áreas do saber, disciplinas e, para além delas, o saber feito, como dizia Paulo Freire. Quanto mais se cerca o real, mais se pode apreendê-lo por diferentes ângulos.

A tentativa, nesse processo, é buscar exaurir todos os dados passíveis de serem articulados para só depois buscar mostrar a vida da realidade na exposição, ou seja, expressá-los no seu movimento, na sua provisoriade, no seu curso de transformação.

Em síntese, em algumas pinceladas buscamos dar visibilidade às bases do método e sua relação com o enfoque misto; afinal, quem quer explicar não pode prescindir de nenhum dado, nem das quantidades, nem das qualidades, mesmo porque elas são absolutamente complementares. Não há dúvidas, portanto, que as produções marxianas podem contribuir para desocultar estereótipos e preconceitos, assim como para o reconhecimento da diversidade e das diferenças como características humanas que enriquecem nosso processo de humanização.

Por fim, na busca por uma totalização provisória, a guisa de concluirmos esse pequeno ensaio que apresenta a Revista Textos & Contextos, retomamos o início dessa reflexão destacando a possibilidade de partilhar, ressaltada por Neruda e instigar o desenvolvimento da sensibilidade, destacada por Marx, articuladas a reflexão sobre a fundamental necessidade de recuperarmos o sentido coletivo, a partir do trabalho criador que expresse nossa humanidade construída socialmente, enriquecida pela diversidade e contribua para nossa unidade necessária e urgente, para o que a arte e a pesquisa tem muito a contribuir.

No presente número 13, volume 2 da revista *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, as produções publicadas são subdivididas em quatro eixos articuladores que aglutinam artigos advindos de diversos estados do Brasil e de dois países estrangeiros, Argentina e Portugal.

O primeiro eixo, intitulado **Programas e Políticas Sociais**, agrega três artigos, o primeiro deles, cuja tradução é também apresentada em língua inglesa, versa sobre a relação entre o Estado e as políticas sociais na sociedade capitalista, destacando a sua reconfiguração e a disputa teórica e política acerca do papel do Estado no interior das ciências sociais: conformada pelo pensamento liberal e o pensamento marxista. Logo a seguir, apresenta-se artigo que aporta importantes reflexões sobre o programa Bolsa Família analisando suas contribuições para a diminuição da desigualdade. Dando prosseguimento, apresenta-se um artigo que aporta metodologia para avaliação dos planos locais de habitação de interesse social, aplicada em municípios de pequeno porte. Por fim, fechando o primeiro eixo, apresenta-se artigo de pesquisadora argentina que debate a proteção social e o Programa Asignación por Hijo em Argentina a partir de um conjunto de determinantes históricos, políticos e sociais.

No segundo eixo, intitulado **Ensino e Formação**, são apresentados cinco artigos. O primeiro deles apresenta reflexões sobre o processo de alienação em Marx com base nos *Manuscritos econômicos e filosóficos* afirmando a necessidade de retomá-los para a formação intelectual no sentido de aprofundar a apreensão da centralidade das relações de troca numa sociedade em crise estrutural. Dando continuidade, apresenta-se um artigo que analisa a experiência de estágio obrigatório em Serviço Social e suas múltiplas implicações na formação, enfatizando a efetivação da tríade e de processos investigativos. Logo a seguir, apresenta-se artigo que problematiza o uso da entrevista como parte do instrumental utilizado pelo assistente social, cujo tema foi objeto de debate na tese de doutorado da autora. Ainda nesse eixo aporta-se uma produção estrangeira que traz subsídios para o debate sobre a pesquisa em Portugal produzida pelo Serviço Social. Por fim, fechando este eixo, apresenta-se artigo que articula Serviço Social e educação popular, fruto de estudos realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais – GEPEDUPSS da UFPB, recuperando as importantes contribuições de Paulo Freire para enfrentar as desigualdades pela via do fortalecimento da resistência popular.

O terceiro eixo da revista, intitulado **Trabalho do Assistente Social**, articula três artigos. O primeiro versa sobre o conceito de “prática profissional dos assistentes sociais” contemplando sua historicidade, a relação indissociável com a teoria e a sua materialização no cotidiano de trabalho. O segundo artigo versa sobre a práxis do assistente social e aporta reflexões sobre o trabalho e suas configurações atuais e os desafios a materialização do projeto ético-político profissional, tomando como *locus* de análise trabalho realizado na Rede de Atendimento à Mulher em Situação de Violência de Fortaleza. O terceiro e último artigo que conforma este eixo versa sobre subsídios que estruturam a ação profissional do assistente social nas regiões de fronteira; para tanto, além de trazer para o debate a questão das competências, aporta elementos sobre acordos e tratados internacionais e sua possível articulação com o projeto ético-político profissional.

O quarto e último eixo deste número da revista *Textos & Contextos (Porto Alegre)* versa sobre **Gênero, Saúde e Violência**. O primeiro artigo desse eixo debate o planejamento familiar como direito que envolve relações de gênero. O estudo busca desocultar os impeditivos à efetivação desse direito, problematizando o diálogo entre companheiros e a fragilidade dos serviços de saúde, em especial no campo da educação em saúde. O segundo artigo desse eixo, que finaliza este número da Revista, apresenta a implantação das Patrulhas Maria da Penha pela Polícia Militar do Rio Grande do Sul, como parte do cumprimento das medidas protetivas e preventivas para evitar reincidências e novas violências de gênero. O artigo apresenta ainda resultado de estudo realizado a partir de experiência piloto numa região com altas taxas de violência no município de Porto Alegre.

Desejamos a todos e a todas boa leitura!

Porto Alegre, verão de 2014.

Referências

- CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez, 1986.
- HEGEL, G. W. F. *Preleções sobre a estética*. São Paulo: Abril, 1974. v. 1, cap. 4. (Coleção Os Pensadores)
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. *O marxismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- _____. *Lógica formal e lógica dialética*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LUKÁCS, Georg. *Estética*. Barcelona: Méxis Grijalbo, 1966. v. 1.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. Notas sobre mediações. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, Cortez, n. 44, 1994.
- _____. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social e uma nova perspectiva de história: a história social. In: _____. (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo, Veras, 1999. p. 11-18.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. v. 1, livro 1.
- _____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____; ENGELS, Friedrich, *A ideologia alemã* (I-Feuerbach). 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- NERUDA, Pablo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro. Letras e Artes, 1964.
- PRATES, Jane Cruz. *Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social*. 2003. 253 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- _____. O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social. *Temporalis*, Brasília, ABEPSS, n. 9, 2006.
- _____. A arte como matéria prima e instrumento de trabalho para o assistente social. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, Porto Alegre, PPGSS, PUCRS, v. 6, n. 2, 2007.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.

¹ As siglas PcD e PcDH significam, respectivamente, pessoas com deficiência e pessoas com altas habilidades. A FADERS é uma fundação vinculada ao governo do Estado do Rio Grande do Sul.